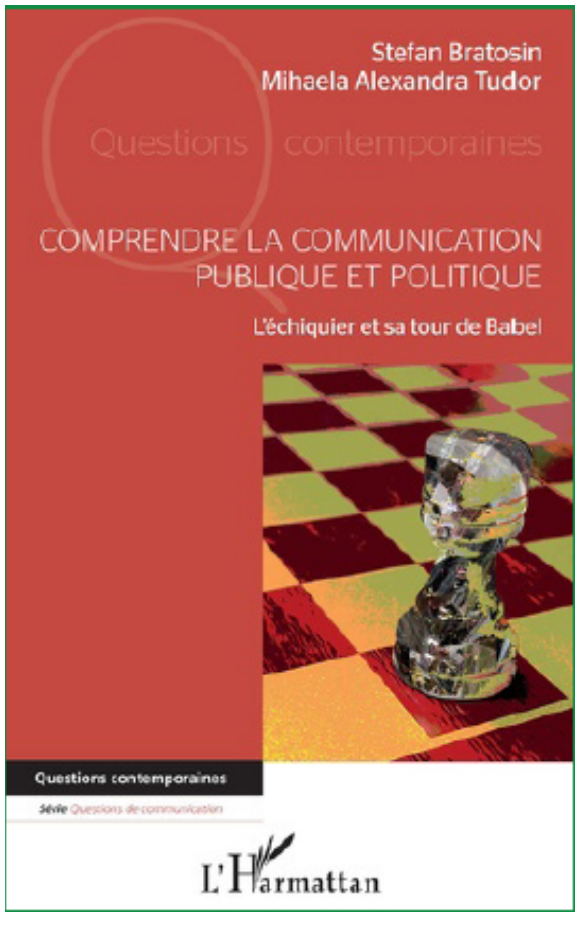

Stefan Bratosin e Mihaela Alexandra Tudor

Comprendre la communication publique et politique: L'échiquier et sa tour de Babel

L'Harmattan

Paris, 2021.

192 páginas

Ângela Cristina Salgueiro Marques

- Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
- Doutora e mestre em Comunicação pela UFMG.
- Integrante do Grupo de Pesquisa em Democracia e Justiça (Margem-UFMG).
- Integrante do Grupo de Pesquisa Teorias e Processos da Comunicação (Faculdade Cásper Líbero).
- Integrante do Grupo de Pesquisa em Discursos e Estéticas da Diferença (DIZ) da Universidade Federal de Viçosa (UFV).
- E-mail: angelasalgueiro@gmail.com

A comunicação pública e política na esfera pública: midiatização, formas simbólicas e pluralidade de vozes

Public and political communication in the public sphere: medialization, symbolic forms, and plurality of voices

La comunicación pública y política en el ámbito público: mediatización, formas simbólicas y pluralidad de voces

O livro *Compreender a comunicação pública e política*, de Stefan Bratosin e Mihaela Tudor, parte de uma cuidadosa e ampla revisão de literatura acerca dos conceitos de esfera pública, comunicação pública e política, opinião pública e afetos políticos. Entrelaçando os espaços organizacionais, culturais, políticos e culturais, a comunicação é por eles entendida como "processo de produção de sentidos em um contexto praticado, em constante transformação e aberto à pluralidade" (Bratosin; Tudor, 2021, p.17). O processo comunicacional acolhe um sujeito que não se reduz a sua subjetividade, mas que existe em relação e em contexto, observando as justaposições de suas experiências no espaço, no tempo e nas diversas corporeidades que fabrica.

Essa perspectiva relacional e processual da comunicação e de constituição dos sujeitos guia os autores em seu intuito de mostrar como a análise do espaço público (e das redes de esferas públicas nas quais agimos e existimos politicamente) só pode realizar-se "nas práticas que constituem um contexto social e político delimitado, a partir de interações dinâmicas entre os sujeitos, grupos e coletivos, que apresentam e negociam entre si suas demandas" (Bratosin; Tudor, 2021, p.18). A Babel que configura os debates e diálogos plurais nas esferas de discussão coletiva é o ponto de partida dos autores para defender a articulação dos atores sociais como condição fundamental para a compreensão da comunicação pública e política. Essa abordagem "se apropria da factualidade babélica do tabuleiro de xadrez sem alterar as regras do jogo" (Bratosin; Tudor, 2021, p.148). Dito de outro modo, a abordagem construída pelos autores traz uma montagem simbólica que tem origem no entrelaçamento conflitivo de autores, vozes e preocupações coletivas de grupos sociais, discursos institucionais e organizacionais.

Segundo Bratosin e Tudor (2021), o espaço público é, por excelência, o "espaço simbólico da comunicação pública e política, cujo modo de funcionamento repousa sobre a simultaneidade da publicização do político e da politização do público" (p.26). Mas como abordar a confusão babilônica das vozes que se articulam e se tensionam no espaço público? Para responder a essa pergunta, os autores definem o espaço público como processo comunicativo que pode dar origem a objetos de estudo e a problemas que emergem no espaço da cultura. "A matéria-prima desse espaço é também sua lei de produção: a interpretação pública da realidade política do mundo da vida" (Bratosin; Tudor, 2021, p.54). Sob esse aspecto, eles destacam que não há espaço público fora da cultura e, por isso, ele está sujeito a interpretação e a se transformar em um produto de interpretações distintas. As práticas interpretativas que configuram o espaço público inscrito na esfera cultural fabricam distinções que individualizam os vínculos e práticas tecidos em contextos diversos e globais.

Sobre esse aspecto, os autores mencionam que a compreensão da comunicação pública e política requer um olhar atento sobre a amplitude dos fenômenos globais recentes, que trazem consequências profundas para as experiências vivenciadas nas esferas públicas de debate, "como a reprodução das fake news, a emergência de novas formas de militância transnacional ou a proliferação (por meio das crises sanitárias, ecológicas, culturais etc.) de fragilidades e vulnerabilidades que contrariam a ordem dos poderes e valores que se dizem democráticos" (Bratosin; Tudor, 2021, p.10).

Após uma minuciosa e detalhada sistematização da configuração do espaço público enquanto processo comunicacional e objeto de pesquisa, os autores desenvolvem um quadro analítico complexo, evidenciando as razões, condições e consequências do ambiente midiático sobre o espaço público e sobre a comunicação pública e política em sociedades pautadas pela busca da justiça. Nessa parte do livro, os autores destacam o papel desempenhado pela midiatização nas transformações atuais das relações entre técnica e cultura no campo da comunicação pública e política.

Por fim, na terceira e última parte do livro, Stefan Bratosin e Mihaela Tudor apresentam uma proposta metodológica que favorece uma abordagem cultural de variadas manifestações da comunicação pública e política no espaço público atravessado pela midiatização. Nessa proposta metodológica e epistemológica, os autores entendem a comunicação pública e política como uma "produção de sentidos composta por camadas justapostas de expressões, representações e significações nos contextos praticados pelos sujeitos, enquanto seres simbólicos, agônicos em busca de si mesmos" (Bratosin; Tudor, 2021, p.12).

Nas três partes que estruturam a obra, vemos uma preocupação em valorizar uma composição do espaço público que seja favorável à pluralidade e à presença de múltiplas vozes e identidades em interação. A não prevalência das opiniões de especialistas e o compartilhamento de testemunhos, narrativas de si, relatos de experiências vividas, emoções e formas de expressão não normativas é também um ponto sublinhado pelos autores como central para a constituição de uma comunicação pública e política capaz de alinhavar interesses individuais e coletivos.

> A predileção pela narrativa e pelo relato tem como consequência a legitimação, no debate, da linguagem ordinária como reflexo direto de um conhecimento quase intuitivo fundado sobre a experiência pessoa, mas também como meio cultural de autonomização. (Bratosin; Tudor, 2021, p.42)

A presença das emoções e da ficção na construção do processo de justificação recíproca é algo que acentua os entrelaçamentos entre as esferas políticas e culturais, revelando como a cultura é articuladora dos arranjos que viabilizam as interações e impedem o fechamento prematuro do debate pela multiplicação e diversificação de expressões e formas de vida.

A comunicação pública e política é configurada nesse modelo de espaço público a partir das dinâmicas de comunicação que fundam sistemas e redes de trocas, conectando múltiplas esferas, atores, grupos e demandas, favorecendo a autonomia política no próprio processo de permitir a expressão, circulação e consideração de problemas públicos nomeados e construídos coletivamente. Os aspectos morais dos conflitos são valorizados, assim como a autorrealização e a realização coletiva dos agentes que sustentam seus anseios e ações em busca do reconhecimento social. Nesse cenário, há muitas tensões resultantes da mediatização e interseção de vários campos de atividades e saberes. Segundo Stefan Bratosin e Mihaela Tudor, a midiatização evidencia como os sujeitos e instituições articulam suas práticas cotidianas com a mídia, apropriando-se de suas lógicas, formatos, rotinas de produção, regras formais e informais. Trata-se de um processo de longo prazo, no qual as instituições e modos de interação na cultura, na política e na sociedade se alteram em função da importância crescente das mídias e seus dispositivos em todos os domínios.

Os autores salientam como a midiatização se apresenta como uma dinâmica, como a oferta de novos arranjos que alteram a produção, a circulação e o consumo de informações via racionalidades midiáticas. Assim, o modo de funcionamento das mídias e suas linguagens passam a "ditar" o funcionamento de outros campos de interação social. Midiatização não seria o espraiamento de uma racionalidade midiática para outros campos, mas o modo como as lógicas de cada campo passam a se influenciar reciprocamente a partir de uma conexão por circuito (Bratosin; Tudor, 2021). A midiatização acontece quando na experimentação e nas dinâmicas de comunicação pública e política emerge um circuito capaz de articular lógicas, fazeres, saberes e ações de diferentes campos, que negociam, atritam e resultam em uma nova lógica de fazer e responder aos desafios sociais e políticos requeridos pelo "comum" de uma comunidade. As performances políticas midiatizadas de diferentes atores e esferas podem ser consideradas articulações possíveis por meio de

interações que colocam em contato diferentes campos e suas lógicas (governo, Facebook, ruas, instituições, instituições culturais, movimentos sociais etc.).

Um campo, como nos revela Pierre Bourdieu, obedece a regularidades próprias, e os atores que dele fazem parte têm de adaptar-se às situações e códigos de conduta, ou regras que coordenam as ações. Mas quando a midiatização entra em jogo, cada campo é interpenetrado pela lógica de outros e permite a criação de arranjos que façam avançar as interações. Enquanto dentro de um campo há frequentemente mais adaptações ao novo, na dinâmica comunicacional há experimentação e invenção a partir do novo. Sempre há regularidades e normas na agência humana e nas suas formas de resistência: a diferença é que, com a midiatização, segundo Stefan Bratosin e Mihaela Tudor (2021), é possível criar estratégias e táticas que compõem circuitos diversos de agência, podendo originar algo diferente a partir da recusa às habituais regras do campo ao qual se pertence.

Além disso, discursividades políticas, conversações e elaboração de enunciados geram práticas que desafiam as lógicas dos campos. Pensemos em como a autonomia dos sujeitos pode ser preservada nos circuitos e em como a circulação de seus enunciados nos espaços de troca comunicativa pode estabelecer resistência, insurgência, desentendimento, dissenso e agonismo. De acordo com Bratosin e Tudor, o espaço público e político constituído pelas práticas de midiatização nos convida a criar interfaces mais porosas entre o simbólico e o político. Para eles, enquanto ambiente ou contexto do espaço público, a midiatização produz mudanças na maneira como a comunicação política atua nas instituições sociais e nas atividades democráticas. Isso significa que a midiatização "suscita uma mutação nas mentalidades e comportamentos dos atores políticos e dos públicos, configurando a política como forma simbólica e como jogo de poder atuante sobre as formas de pensar e viver" (Bratosin; Tudor, 2021, p.75).

É na parte final do livro que os autores se dedicam a enfatizar como sua proposta pode contribuir para abordagens teórico-metodológicas que definem processos de comunicação pública e política sob a lógica da cultura, ou seja, a partir de sua interseção com os costumes, as religiões, as representações sociais e mentais transmitidas e sempre reinterpretadas e ressignificadas. A comunicação pública e política se forma nesse processo de apropriações, de renovação de opiniões, crenças, normas de ação e significados. Sob esse aspecto, ela participa das formas de viver de um povo, de uma sociedade ou de um grupo de pessoas. Por isso, no espaço público, "a linguagem, o pensamento mítico-religioso, a ciência ou a arte permitem acesso a diferentes realidades, reforçam regras e muitas vezes desafiam normas que constrangem o agir humano a partir de orientações interacionais pré-formatadas e previsíveis" (Bratosin; Tudor, 2021, p.143). As formas simbólicas, afirmam os autores, por seu caráter coletivo, podem, ao mesmo tempo, estabilizar e desestabilizar valores e quadros avaliativos associados ao espaço público, entendido em sua dinâmica complexa de busca por reconhecimento e legitimação.

O destaque conferido pelos autores às formas simbólicas, às crenças, aos afetos e às racionalidades estéticas na análise da comunicação pública e política que constitui o espaço público apoia-se nas interfaces entre as experiências singulares e a manifestação objetivada dessas experiências. Segundo eles, o mundo interior dos sujeitos e a expressão simbólica dessa interioridade, por exemplo quando tomamos o caso da religião, "não estão restritos a um campo particular da interação social e não estão limitadas a um funcionamento que associa o mesmo sentido à mesma realidade, sem distinção contextual". Desta maneira, Stefan Bratosin e Mihaela Tudor reiteram que, na análise da comunicação pública e política do espaço público, as formas simbólicas podem trazer diferenciações, diversidade e agonismo, considerando os acontecimentos e sua problematização a partir de normas estabelecidas e das possíveis fissuras criadas na reprodução dessas normas em configurações comunicacionais variadas.

Texto recebido em 29.04.2022 e aprovado em 02.05.2022